



Terapia Assistida com Animais: Novas Possibilidades para um Cuidar em Psicologia

*Antônio Anderson Câncio Mota¹; Maria de Fatima Brito Fontelene Rocha²;
Daniel de Freitas Batalha³; Artur Mouta de Pinho⁴*

Resumo: Os animais sempre tiveram considerável importância na vida do homem. Percebeu-se, com o passar do tempo, que o vínculo animal-homem poderia trazer melhorias para a saúde, promovendo qualidade de vida. Essa percepção trouxe uma possibilidade terapêutica conhecida como Intervenções Assistida por Animais – IAAs. Esse artigo, que faz um levantamento e análise bibliográfica em caráter de pesquisa exploratória, tem como objetivo apresentar as IAAs sob a perspectiva de que essa atividade valorize o bem-estar de todos os agentes envolvidos. Foi verificado melhoras significativas no quadro de usuários das IAAs após serem submetidos a esse tipo de intervenção. Também foi verificado a necessidade de uma série de cuidados para a aplicabilidade das IAAs. Estas, não possuem contraindicação e são um forte aliado contra os métodos ortodoxos. Assim, podemos entender que as IAAs são viáveis para atender as demandas voltadas para saúde em especial a mental.

Palavras-chave: Animais, Co-terapeuta; Psicologia; Terapia.

Animal Assisted Therapy: New Possibilities for a Psychological Care

Abstract: Animals have always been of considerable importance in man's life. It was realized, over time, that the human-animal bond could bring improvements to health, promoting quality of life. This perception brought a therapeutic possibility known as Animal Assisted Interventions - IAAs. This article, which carries out research and bibliographic analysis on the nature of exploratory research, aims to present the IAAs under the perspective that this activity values the well-being of all the agents involved. Significant improvements were seen in users of the IAA after undergoing this type of intervention. There was also a need for several

¹Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós Graduação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Psicodramatista pelo Instituto de Psicodrama e Máscaras do Estado do Ceará. Especializando em Psicodrama pelo Centro Universitário 7 de Setembro - UNI7. Psicólogo formado pelo Centro Universitário Estácio do Ceará. psicologo@andersoncancio.com.

²Doutora em Psicologia (UNIFOR), Mestre em Educação Brasileira (UFC), Mestre em Educação e Gestão Desportiva (AMERICANA/PY), Psicodramatista pelo Instituto de Psicodrama e Máscaras do Estado do Ceará-UNI7. Psicomotricista (UECE), Esp. Educação Inclusiva (UEM), Esp. em Esporte Escolar (UNB), Psicóloga Clínica, Funcionária Pública da SEDUC-CE. fatimabrito2113@outlook.com

³Psicólogo concludente em 2018 pelo Centro Universitário Estácio do Ceará. batalha.daniel@gmail.com

⁴Graduando em psicologia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especializando em Psicodrama pelo Centro Universitário 7 de Setembro – UNI7. arturmp.psicologia@gmail.com

precautions for the applicability of IAAs. These are not contraindicated and are allied against orthodox methods. Thus, we can understand that IAAs are viable to meet health demands, especially mental health.

Keywords: Animals, Co-therapist; Psychology; Therapy.

Introdução

Os animais historicamente são companheiros dos seres humanos desde a pré-história, e, quem possui algum sabe dos seus encantos e contribuições. Para além dos aspectos históricos, tal parceria vem sendo difundida em diversos campos com a finalidade de proporcionar ganhos mútuos na relação. Inerente a referida relação, pode-se pensar em diversos exemplos onde o animal é fundamental para mudanças intrínsecas ao homem.

A partir deste fato, optamos por entrelaçar as temáticas que se referem a psicologia no âmbito da saúde mental e a relação homem e animal partindo da perspectiva terapêutica discutindo acerca das contribuições psicológicas (possibilidades de cuidar) nas instituições, isto é, na possibilidade de melhora na qualidade de vida dos participantes da modalidade terapêutica. Partindo deste pressuposto histórico, denominou-se Intervenções Assistidas por animais - IAA, das quais fazem parte a Terapia Assistida por Animais - TAA e Atividades Assistidas por Animais - AAA, a práxis da utilização de animais, neste contexto chamados de coterapeutas, no acompanhamento em saúde mental onde, partindo de estudos devidamente referenciados ao longo do texto, apresentam possibilidades no que concerne a qualidade de vida dos participantes da modalidade terapêutica pacientes. Partindo disto, o presente escrito teve por objetivo discutir a utilização da terapia assistida por animais em tratamentos no qual o animal é usado como coterapeuta em ambientes institucionalizados.

Diante das possibilidades oriundas dos escritos, tentamos apontar meios teóricos para que seja viabilizada uma nova modalidade de terapia, bem como caracterizar a relação homem animal trazendo o mesmo como coterapeuta e não como uma simples ferramenta de trabalho e discutir o uso de animais de forma responsável visando o bem-estar do mesmo. Diante do que foi exposto, fez-se clara a seguinte pergunta: Quais são os benefícios e dificuldades que a Terapia Assistida por Animais – TAA podem encontrar ao ser introduzida na saúde mental? O presente aporte dedicou-se a resolução desta importante questão da qual se pretendeu.

Quando decidimos cursar psicologia já tínhamos um grande carinho por animais, no entanto, não conhecíamos o trabalho, notável, diga-se de passagem, já em andamento em alguns estados do país, em especial as pesquisas desenvolvidas na cidade de São Luís no Estado do Maranhão.

Partindo das pesquisas, ao pesquisarmos, chegamos ao professor Dr. Jean Marlos, docente titular da Universidade Federal do Maranhão que trabalha com essa temática a alguns anos. O professor supracitado é referência na temática sendo também líder do grupo de estudos e pesquisas em Saúde e Intervenções Assistidas por Animais - GEPSIAA's e em conversas, o mesmo nos forneceu aparato teórico metodológico e histórico no que se refere ao deferido tema enviando vários livros, trabalhos e artigos.

Nossa intenção é semear e ampliar as pesquisas sobre este tema ainda tão pouco conhecido e muito útil para profissionais e para o meio acadêmico das áreas da saúde, em especial a mental, veterinária e também para o meio ambiente.

É de suma importância contextualizar a relação homem animal desde seu início e como se deu o processo até os dias atuais, bem como a real importância dos animais nesse processo, influenciando até os dias atuais em culturas, crenças e religiões. Tendo seu início na pré-história, a relação homem animal se dá em diferentes esferas perpassando desde o uso de animais para o uso de suas qualidades que viriam favorecer a vida humana como auxílio na caça, segurança, trabalhos pesados e transporte de pessoas até a ligação afetiva que vem se transformando a cada dia na contemporaneidade fortalecendo os vínculos sociais com nossos amigos de quatro patas. (VACCARI, ALMEIDA, 2007).

No século XVII os animais passaram a ganhar maiores espaços na sociedade, sendo criados em fazendas e chácaras logo ganharam espaço dentro das residências junto às famílias (DOTTI, 2005). O primeiro relato terapêutico envolvendo homem e animal foi no final do século XVIII na Inglaterra em um Hospital chamado Retiro York que é um centro de referência clínico para pessoas com necessidades especiais e transtornos mentais, que atua ainda hoje com métodos terapêuticos considerados mais humanos (GONÇALVES, 2017).

Este artigo terá por objetivo apresentar ao leitor uma perspectiva do tratamento psicológico usando animais como coterapeutas baseado em uma pesquisa bibliográfica exploratória e explicativa na intenção de aproximar resultados colhidos tendo como base principal artigos científicos e livros dos autores aqui citados considerando suas obras trazendo a forma mais pura do conhecimento sobre o que se apresentará neste artigo.

Metodologia

A metodologia é o caminho por onde esclarecemos nossas devidas escolhas ao se iniciar uma pesquisa científica. Gil 2002, por exemplo corrobora a dizer que tal tipo de pesquisa se dá a partir da consulta de livros e artigos, o que é comum a todos os estudos das quais se referem a revisão bibliográfica de cunho exploratório. Essa prática proporciona ao acadêmico conhecer diferentes perspectivas que nos levam a uma amplificação do conhecimento (GIL, 2002). Metring (2011) expõe sobre o caráter de pesquisa exploratória enquanto pesquisa no intuito de levantar hipóteses a partir da teoria dos autores de determinado tema.

Nessa perspectiva, é de grande importância entender que a questão inicial possibilitou apresentar uma alternativa de cuidar em que fugisse das práticas convencionais, forma muitas vezes concebida como hegemônica, enfrentando resistência desde seu início nos anos 60 pela Dra. Nise da Silveira. Por essa ótica propomos não se restringir e limitar a um suposto saber hegemônico sobre saúde.

Pensando na diversidade de conteúdo, na delimitação do campo de pesquisa e no direcionamento da pesquisa, iremos considerar especificamente os artigos pesquisados e lidos por nós, indicações de profissionais da área específica e os artigos pesquisados entre 2003 e 2018 (15 anos) no período de maio a julho de 2017, buscando em fontes nacionais e gratuitos Ebsco, Scientific Electronic Library Online – Scielo e Google acadêmico, tendo as seguintes palavras usadas nos respectivos indexadores: “psicologia”; “animais”; “coterapeuta”; “terapia”.

A pesquisa foi feita usando vários critérios como: data de publicação, assunto e país de origem. Após essa seleção foram estabelecidas relações entre: especificidade de assuntos e coerência entre o assunto apresentado. É importante ressaltar que neste momento se fez necessário excluir alguns trabalhos cujos objetivos estavam fora do contexto da pesquisa apresentada neste estudo, como por exemplo o referido tema escolhido envolvendo profissionais de várias áreas de conhecimento. Nesse sentido, optamos por apresentar os trabalhos da área de psicologia que usamos como aqui como base principal para este artigo.

A referência principal desde artigo é o Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba, doutor em psicologia pela Universidade Federal do Maranhão, Professor do Departamento de Psicologia e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, referência nacional na área das IAAs, e autor do capítulo intitulado de Saúde na infância, medicalização da existência e as Intervenções Assistidas com Animais: alternativa ou “nova” tecnificação, que

faz parte do livro “A infância medicalizada: discursos, práticas e saberes”, para o enfrentamento da medicalização da vida de autoria da Dra. Jurema Barros Dantas no ano de 2015.

Outra referência que influenciou na produção do presente trabalho foi a Psicóloga Elaine Cristina Salvaro Caetano com o artigo As Contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à psicologia, este foi seu trabalho de conclusão de curso no ano de 2010 na cidade de Criciúma. Por fim e não menos importante usufrui das contribuições oferecidas pela Me. Sabine Althausen mestre em psicologia escolar pela Universidade de São Paulo a mesma é autora da dissertação Adolescentes com síndrome de Down e Cães: compreensão e possibilidades de intervenção trabalho publicado em 2006.

No quadro abaixo segue as publicações selecionadas para as devidas análises.

Quadro 1- Publicações selecionadas para análises neste estudo.

AUTORES	TÍTULOS	ANO
BORBA, J. M. P.	Saúde na infância, medicalização da existência e as Intervenções Assistidas com Animais:	2015
CAETANO, E. C. S.	As Contribuições Da Taa –Terapia Assistida Por Animais À Psicologia	2010
ALTHAUSEN, S.	Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção	2006
SILVA, J. C. L.; SOZZO, M. M.; ALVIM, N. N. T.	As Contribuições Da Atividade Assistida Por Animais No Desenvolvimento Psicossocial Infantil	2016
VACCARI, A. M. H.; ALMEIDA, F. A. A.	A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas	2007
PEREIRA, C.; FERRARI, D.; BARROS, M.	A Utilização De Cães Na Unidade De Terapia Intensiva	2018
PEREIRA, J. F. P.; PEREIRA, L.; FERREIRA, M. L.	Os Benefícios Da Terapia Assistida Por Animais: Uma Revisão Bibliográfica	2007
REED, R; FERRER, L; VILLEGAS, N.	Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas	2012
MACHADO, J. A. C. ET AL.	Terapia Assistida Por Animais (TAA)	2008
STUMM, K. E. ET AL.	Terapia Assistida Por Animais Como Facilitadora No Cuidado A Mulheres Idosas Institucionalizadas	2012

GONÇALVES, J. O.; GOMES, F. G. C.	Animais Que Curam: A Terapia Assistida Por Animais	2016
TEIXEIRA, I.	Relações interespecíficas de cuidado no sistema de saúde convencional brasileiro: uma análise antropológica sobre a dinâmica da zooterapia	2016
SILVEIRA, I. R.; SANTOS, N. C.; LINHARES, D. R.	Protocolo do Programa de Assistência Auxiliada por Animais no Hospital Universitário	2010

Fonte: sites SCIELO, Google Acadêmico, Ebsco

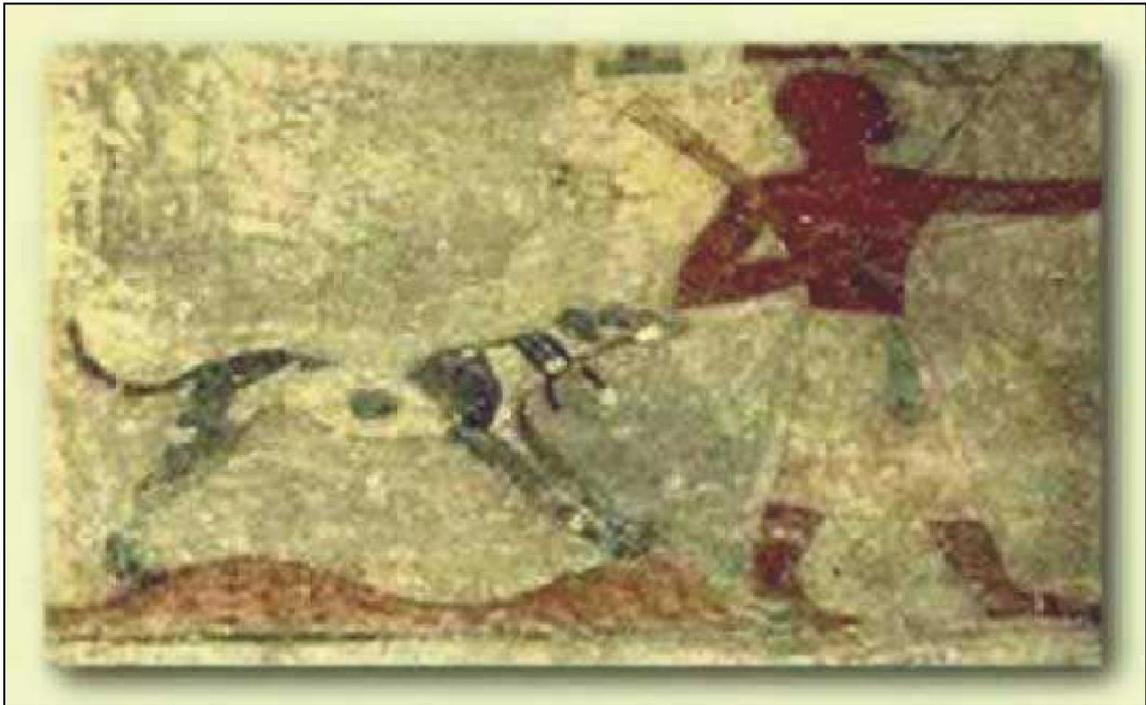
Onde surgiu a relação homem animal

Desde os primórdios se conhece a vivência entre humanos e animais, tendo início na pré-história, como se vê em algumas pinturas rupestres, mostrando o provável início de uma parceria que seria comprovada no futuro por vários locais do mundo em várias civilizações (CAETANO, 2010)

No decorrer da história, sempre foi evidenciado os benefícios dos animais, desde a evolução. Foi observado que a relação com os animais poderia ter diversas possibilidades, como auxiliar na caça, na segurança, trabalhos pesados, transportes e até mesmo como ameaça e perigo (VACCARI, ALMEIDA, 2007).

Ao que se sabe, considerando os registros históricos nos escritos dos quais se referem a relação homem e animal, de acordo com o aporte de Lantzman citado por Caetano (2010), foi encontrado a cerca de 12 mil anos atrás, o túmulo em Israel, conforme referenciado anteriormente, onde foi encontrado o corpo de uma mulher junto a um filhote de cachorro a mão, ambos, em estado de mumificação. Tal fato se deu em uma região onde histórica e culturalmente, há uma diversidade demasiada de religiões das quais inclusive, implicam diretamente na relação constituída entre humanos e não humanos.

Figura 1 - Pintura encontrada no Egito de homem com animal.



Fonte: <http://www.touregypt.net/featurestories/dogs.htm>.

Na imagem acima podemos ver o homem exercendo atividade típica da época ao lado do animal que possui um artefato que seria algo semelhante a uma coleira, a imagem acima foi encontrada no Egito. Um dos primeiros relatos de domesticação de cães ocorreu na Ásia Central há mais ou menos 15 mil anos atrás depois o mesmo foi relatado em outros locais como Índia, Vietnã e Egito.

Em culturas como a Egípcia, onde a imagem acima fora encontrada, o politeísmo e antropozoomorfismo mesclavam as divisas entre animalidade e humanidade. Exemplos disso são deuses com corpo de homem e cabeça de animais como Hórus (homem e Falcão), Anúbis (homem e chacal) e Seth (homem e porco-formigueiro). Os animais no Egito Antigo eram considerados a encarnação dos próprios deuses. (Carvalho,2017).

A essas entidades eram atribuídos valores como proteção, esperança de mundo melhor, evolução espiritual, caminho para a felicidade eterna entre outros desejos, por este motivo o uso de animais como divindade em várias civilizações do mundo até os dias de hoje ainda é algo comum de se observar. A informações que desde o século XVII os animais vêm desempenhando um papel importante na socialização do homem, com isso começaram a serem criados em fazendas e acabaram ocupando espaços dentro das residências junto às famílias (DOTTI, 2005).

De acordo com Dotti (2005), na Idade Média, os animais, principalmente cães eram usados nas residências para prevenir alguns sintomas de loucura. Na Bélgica, no século IX, os animais eram responsáveis por tratamentos de pessoas com problemas mentais e físicos, os mesmos eram levados para fazendas para estimular a convivência do homem com o animal.

Partindo do aporte de Gonçalves (2010) e ainda seguindo o itinerário histórico, o primeiro registro de uma instituição que se utilizou da TAA., foi na Inglaterra, em meados de 1792, em um hospital psiquiátrico chamado Retiro York que é um centro de referência clínica para pessoas com necessidades especiais e transtornos mentais. Seguindo o caminho inverso as instituições higienistas de saúde mental da época, o retiro York ficou conhecido pela utilização de métodos terapêuticos considerados mais humanos para a época onde os pacientes podiam interagir com animais, caracterizando uma certa humanização no cuidado com a pessoa.

Ainda no percurso histórico, há registros em uma instituição chamada Bethel Institute, em Bielefeld na Alemanha em 1867, onde cães, gatos e pássaros participavam da terapia. Inicialmente o tratamento era oferecido a pessoas com epilepsia, mas após o início dos resultados começou a ser usados no tratamento dos mais variados problemas físicos e mentais.

Nos Estados Unidos aconteceu o primeiro registro do uso da TAA voltado para o campo da saúde, o mesmo foi feito pela enfermeira Florence Nightingale na metade do século XIX quando ela relatou em seu livro (TEIXEIRA, 2016). Complementa Nightingale, (1860, p. 103) a dizer que "um pequeno animal de estimação é muitas vezes um excelente companheiro para os doentes, por longos casos crônicos especialmente". Considerando o relato acima, é possível inclusive vislumbrar como os próprios profissionais compreendiam as possibilidades das contribuições dos animais no processo do cuidar das pessoas naquela situação.

No ano de 1919 um hospital em Washington nos Estados Unidos iniciou um trabalho de acompanhamento dos animais junto a seus donos como parte do tratamento na intenção de humanizar o processo, os pacientes tinham transtornos ocasionados em decorrência de suas participações na primeira guerra mundial, todos os pacientes em sua totalidade eram da Marinha Norte Americana (GONÇALVES E GOMES, 2016).

Em 1942 a mesma atitude foi tomada com os enfermos da Força Aérea Americana quando na ocasião foram incluídos animais nos programas de reabilitação e cuidados a pacientes com mal de alzheimer, autistas, vítimas de abuso sexual e pessoas com desordem mental e emocional. As tarefas da granja do hospital foram incluídas nas atividades dos pacientes (Eduarne, 2009). A partir dessa modalidade terapêutica outras fazendas nos Estados Unidos foram destinadas a abrigar e oferecer tratamento para soldados que regressavam da segunda Guerra Mundial. No ano de 1944 a Cruz Vermelha iniciou um programa para

incentivar os pacientes a ter animais. O psiquiatra Boris Levinson deixou registrado algumas observações em que destacam o cuidado com a saúde e a importância da interação homem animal. Partindo desse ponto deu-se início ao termo Psicoterapia Facilitada por Animais, usada para tratar transtornos e problemas de comunicação de crianças.

No final dos anos 50 surgiu o primeiro psicólogo a trabalhar com TAA Boris Levinson se tornou referência no que diz respeito a desvendar o poder benéfico que os animais têm no processo de reabilitação da saúde mental de crianças, tudo ocorreu de forma casual certo dia que resolveu levar seu cão labrador que se chamava Jingles para o consultório no dia em que o atendimento era prestado a um paciente com o diagnóstico de autismo com dificuldade em relações sociais e logo no primeiro contato o seu pet conseguiu o que ele vinha tentando a várias sessões, percebeu quase de que forma instantânea houve uma interação entre o paciente e o coterapeuta a partir desse momento o coterapeuta se fez presente em vários atendimentos de pacientes, principalmente nos diagnosticados com autismo.

Seus trabalhos e seus cuidados em defesa dos animais tiveram grande visibilidade em vários países incluindo o Brasil onde a Dra. Nise da Silveira fez uso de seus trabalhos para introduzir a TAA chegando até a manterem contato e trocarem informações, O acontecido ocorreu entre as décadas de 50 e 60, Dra. Nise da Silveira, psiquiatra brasileira tinha um grande afeto por animais e em seu local de trabalho, Hospital Pedro II, antigo Centro Psiquiátrico Nacional, no Rio de Janeiro, no setor de terapia ocupacional passou a permitir o contato dos pacientes internados com o diagnóstico de esquizofrenia com animais que eram abandonados nas dependências do hospital. A Dra. observou a facilidade que os pacientes interagem e se acalmavam ao estarem juntos de seus animais. (GONÇALVES e GOMES, 2017)

Conforme ALTHAUSEN (2006) após a experiência da Dra. Nise nos anos 60, surgiram várias iniciativas de IAAs na década de 90, estas eram feitas quase que em sua totalidade por profissionais da área da saúde humana e animal .

Após esse momento surgiram as organizações não governamentais, atuando nas visitas, atendimentos terapêuticos atendendo a pessoas de todas as idades e pessoas com algum tipo de deficiência e pessoas institucionalizadas, neste momento foi percebido que a área de pesquisa em nosso país precisaria percorrer um caminho longo para enriquecer as propostas de trabalho que iam surgindo em todo o país (Petpartners.org, 2018).

Conceitos de Intervenção assistida por animais, terapia assistida por animais e atividades assistidas por animais

Partindo do que foi exposto na parte histórica, a Pet Partners em 1996 que na época usava o nome de Delta Society, esta que foi fundada em 1977 em Portland, Oregon nos Estados Unidos, tendo o Dr. Michael J. McCulloch como Presidente e juntamente com uma equipe de médicos e pesquisadores entendem como necessária por uma questão de credibilidade contextualizar uma definição do que seriam as Atividades Assistidas por Animais – AAA e Terapia Assistida por Animais – TAA.

Nas AAA não é obrigatório a supervisão de um profissional da saúde em suas visitas e tem por objetivo promover o bem-estar, a sociabilidade e felicidade nas pessoas através do contato e de momentos de descontração, sem a obrigação de um resultado esperado por conta das atividades realizadas.

A TAA é uma terapia alternativa onde o animal faz o papel de coterapeuta e se faz necessário o acompanhamento de um profissional da área da saúde como psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, médico ou enfermeiro entre outros variando de acordo com o objetivo da terapia, façam um acompanhamento como parte de um tratamento onde o homem e o animal trabalhem juntos de forma metodológica, planejada, documentada e seus resultados devem ser apresentados, com o intuito de desempenhar um papel profissional voltado para a melhoria da saúde física, social, mental e cognitiva, o atendimento pode ser na modalidade individual ou em grupo.

Para a realização das visitas existe um cuidado voltado para a saúde do animal por isso existe um protocolo a ser seguido onde os animais como cães e gatos devem estar em dia com as vacinas e vermifugação, não podem possuir pulgas, carrapatos nem ingerir carne crua e leite não pasteurizado, além de estarem limpos tosados, escovados e ter tomado banho no dia anterior as visitas e ter acompanhamento constante de um profissional da medicina veterinária.

Quadro 2 - Calendário vacinal segundo animal e período.

VACINAS	DOSES			
CÃO	1ª DOSE	2ª DOSE	3ª DOSE	REFORÇO
Óctupla ou Déctupla	45 dias	66 dias	87 dias	Anual
Antirrábica	87 dias	108 dias	-	Anual
Giardia	129 dias	150 dias	-	Anual
Pneumodog	129 dias	150 dias	-	Anual
GATO				

Tríplice ou quádrupla ou quántupla	-	-	120 dias	Anual
Antirrábica	-	-	120 dias	Anual

Fonte: <http://www.programasaudedoanimal.ig.com.br/home-cuide.php#caes>

Todas as pessoas envolvidas no processo terapêutico também precisam ter alguns cuidados como lavar as mãos antes e depois de trabalhar em parceria com o animal e se deve evitar ações que o levem a ter desconforto para evitar acidentes, por este motivo é de suma importância que haja uma supervisão de seu condutor. O animal não pode ser colocado em um ambiente sujo onde contenham urina, sangue, vômito, saliva ou pessoas com feridas expostas e em situação alguma o animal deve ser alimentado exceto pelo seu condutor. (Pereira, Et Al, 2006)

Atuação no Brasil das IAAs

Até o presente momento, este escrito teve a finalidade de expor histórica e empiricamente as possibilidades da IAAs É necessário então, pensando no que se refere a práxis, para além das fronteiras, como e onde tal prática se revela e se tem escrito sobre a referida temática. No país existem diversas iniciativas atuando com as IAAs nos mais variados campos, para além de uma prática exclusivamente clínica psicológica ou mesmo dentro das instituições de saúde mental.

No estado onde fora escrito o presente artigo, na cidade de Fortaleza no Ceará, é imprescindível ressaltar e lembrar que apesar de haver uma prática e até mesmo instituições especializadas como o Instituto *Cão Vida Lui*, não existem contribuições acadêmicas considerando um contexto mais específico.

(INATAA 2018) O INATAA é uma organização não governamental com início de suas atividades no ano de 2008 na cidade de São Paulo, suas áreas de atuação são as AAA, EAA, TAA e treinamento de cães e profissionais para as mais diversas áreas de atuação. Fazem parte do instituto voluntários e profissionais alguns com mais de 8 anos de experiência em atividades em que o animal atua como coterapeuta, profissionais esses da antiga Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração - OBIHACC, a ONG da qual se originou a INATAA. (SILVA, SOZZO, ALVIM 2016) Os atendimentos ocorrem em vários locais chegando a beneficiar em média 400 pessoas por mês e o serviço é voltado para o mais variado

público como crianças, adolescentes, adultos e idosos, atualmente constam cadastrados no site 21 duplas de cães e seus acompanhantes.

Para a ONG sua construção ética é um fator determinante para a qualidade do trabalho, como atender as necessidades de todos os envolvidos no processo com profissionalismo, praticando o respeito e valorização do sujeito e do animal dentro de suas necessidades e mantendo o sigilo necessário para que a aliança terapêutica possa ser desenvolvida de maneira sólida, absolvendo os conhecimentos necessários para um melhor aproveitamento das informações para fins de pesquisas

Partindo do que se sabe sobre o uso de animais como coterapeutas, considerando as vicissitudes das políticas públicas, inclusive sanitárias, a implantação do animal enquanto coterapeuta, para além dos desafios dos quais se propõe enquanto possibilidade para aqueles que se beneficiam deste modo terapêutico, também perpassa por tramitações e nuances internas ao que se refere ao treinamento do animal.

Tomando o que fora produzido até o presente momento neste aporte teórico, acerca da posição do cachorro enquanto coterapeuta, é importante lembrar que, nas palavras de Borba (2015, p. 12),

Na maior parte dos casos de implementação da TAA, EAD ou AAA os cães são os animais preferidos pelos pacientes, por diversas razões, dentre elas: a) por serem de fácil adestramento; b) pelo número significativo de tarefas que o cão co-terapeuta pode desempenhar, tais como: apanhar objetos do chão, puxar cadeiras de rodas, abrir e fechar portas, apenas ser acariciado etc. No caso dos cães para surdos e cegos, aliado à companhia permanente – mas também pelo seu caráter dócil, meigo e segundo o discurso de algumas pessoas e pesquisas realizadas, pela capacidade dos cães em responder apropriadamente às emoções humanas.

Em todas as IAAs o cão é o animal mais usado devido a facilidade de convívio que vem sendo trabalhado desde o homem primitivo, pela quantidade de tarefas que podem ser realizadas por eles quando ensinados e por facilmente corresponderem a sentimentos dos humanos.

Tratar de um assunto de tamanha delicada sem ressaltar também os avanços obtidos em território nacional, para além das pesquisas históricas espalhadas mundo afora, seria um tanto pecaminoso para com esta pesquisa. Desde o surgimento do interesse por esta seara de pesquisa, até o presente momento desta escrita, diversas experiências, pesquisas e profissionais tem chamado nossa atenção. Apesar de um aparato teórico exploratório de ordem bibliográfica, este escrito também tem a verossímil missão de expor algumas destas experiências e pesquisas com o sutil intuito de apresentar novas formas de pensar o cuidar e as contribuições da TAA.

Dentre as pesquisas exploradas durante as leituras deste aporte, ressaltamos uma pesquisa de cunho qualitativo que tem sido desenvolvida desde 2014 por meio do projeto de pesquisa de autoria do Professor e Doutor Jean Marlos Pinheiro Borba, cujo título “Terapia Assistida com Animais - TAA uma alternativa para a formação em Psicologia: um estudo fenomenológico” vem contribuindo para estas formas de pensar o cuidar.

O projeto que aflorou dessa pesquisa e até onde existem registros, seguiu até o ano de 2016 fora continuado com o intuito de trabalhar a TAA como recurso no cuidar com pessoas idosas com aprovação de bolsa pela PIBIC e tendo demasiados resultados positivos, para além das questões levantados pelos pesquisadores durante o trajeto da pesquisa. Ressalto também que este faz parte do referido projeto, o plano de trabalho “A Terapia Assistida por Animais – TAA e a Psicologia”, também em nível de iniciação científica via Programa Jovens Talentos para a Ciência com bolsa CAPES.

Nas palavras do próprio autor,

A sua intenção é realizar o levantamento de estudos, pesquisas e produções de instituições que comprovem que já utilizam a TAA/AAA/EAA em suas práticas terapêuticas, assim como para realizar uma fenomenologia dos estudos existentes, refletindo, analisando criticamente e oferecendo aos futuros profissionais de psicologia e áreas afins, fundamentação, para uma formação ética e responsável, caso o animal venha a ser “utilizado” como coterapeuta, assim como subsidiar outros estudos e pesquisas sobre essas relações. (BORBA, 2015 p 2)

Neste sentido, o aporte de Borba é relato notório das condições das quais as pesquisas acerca do tema da TAA podem contribuir para uma crítica de diversas hegemonias nas instituições de saúde. Isto é, é possível, no uso da TAA como recurso, repensar muitas das práticas invasivas e agressivas utilizadas na contemporaneidade.

Dadas as configurações do projeto do professor Borba, a fenomenologia (que não é foco específico deste escrito, mas sim da referida pesquisa) se faz importante tanto para tal crítica explorada durante todo este aporte, quanto para a compreensão dos ditos fenômenos humanos tanto estudados na psicologia. Este parágrafo se faz necessário para o reconhecimento da transgeracionalidade e da atemporalidade dos saberes que se metamorfoseiam e se reinventam ao longo dos tempos com a finalidade de se compreender a sociedade, a vida e o homem em sua condição de homem.

A diferença entre terapia assistida por animais e atividade assistidas por animais

Diante do entendimento que os profissionais da área da saúde têm no que diz respeito ao uso das IAAs, surgiu a necessidade de buscar uma melhor compreensão de seus conceitos para um melhor aproveitamento de seus benefícios que cada uma das modalidades propicia de forma separada com a intenção de se ter um aproveitamento melhor do uso de cada uma delas.

De acordo com Reed, Ferrer e Villegas (2012) houve uma definição considerada a mais coerente no ano de 1996 com a experiência da Instituição Delta Society onde já atuava na área de pesquisas e atendimentos a muitos anos. Na época, as duas principais modalidades de atendimento em que o cão fazia parte da equipe de atendimento abrangendo algumas áreas da saúde eram a Terapia assistida por Animais (TAA) e as Atividades Assistidas por Animais (AAA), que apesar de ambas usarem o animal como parceiro no atendimento existem diferenças importantes que tornam os atendimentos valiosos dentro do que são propostos.

A TAA é uma terapia da qual propõe um plano de tratamento traçado com metas específicas de acordo com a demanda de cada paciente, se valendo inclusive da personalidade de cada coterapeuta, onde cada um satisfaz uma possibilidade de cuidar que leva a melhora na qualidade de vida dos pacientes que recebem a TAA como recurso terapêutico. Durante este processo, toda a evolução do paciente é documentada bem como as visitas. Informações específicas como duração, animal e afins são combinadas tendo como base a necessidade do paciente fomentando inclusive uma metodologia para um modelo terapêutico.

Considerando que a TAA segue um percurso histórico de desafios, sucessos e insucessos, segundo Stumm Et Al (2012, p 205),

[...] a TAA estabeleceu-se como um processo terapêutico formal em âmbito mundial. Tem monitoramento profissional e procedimentos claros definidos para o cliente ou grupo de clientes, bem como objetivos estabelecidos, que são medidos e seus resultados, analisados. Apresenta muitos aspectos positivos e funciona como estratégia coadjuvante em diversos tratamentos. Os animais utilizados passam pela avaliação de profissionais da área, devendo atender aos requisitos de saúde animal, comportamento, obediência, socialização e aptidão.

Percebe-se que um dos grandes pontos é o atendimento onde o profissional da área da psicologia seja o responsável também pelo coterapeuta não havendo um terceiro profissional no processo, e que, o animal não seja moldado para apresentar comportamentos padronizados se utilizando de sua essência para o enriquecimento do processo. É importante compreender a palavra moldar para quebrar uma lógica restrita da qual se referiria por exemplo a palavra “adestrar” que implicaria em questões éticas e até mesmo políticas acerca da TAA enquanto possibilidade de atuação terapêutica.

Já nas AAAs ainda conforme Reed, Ferrer e Villegas (2012) nas atividades assistidas por animais as visitas são sem periodicidade definida e sem nenhum cronograma determinado, as atividades são recreativas e sem especificações podendo ser realizadas em grupo ou individual, se referindo tanto a pacientes como animais, e em locais menos específicos, não têm objetivos específicos para cada sessão e os progressos dos pacientes não documentados. Nesta modalidade o acompanhante dos animais não precisa ser necessariamente um profissional da área da saúde possibilitando outras formas de lidar com o processo terapêutico.

Conforme ALTHAUSEN (2006, p 152),

Tendo em vista o desenvolvimento de uma proposta de intervenção que considere a inserção do animal – especialmente o cachorro – como um recurso terapêutico, torna-se necessário um posicionamento criterioso quanto à diferenciação entre Terapia e Atividade Assistida por Animais (TAA e AAA, respectivamente). Retomando as definições internacionais, em que a AAA promove oportunidades para benefícios motivacionais, educacionais, recreacionais e/ou terapêuticos para melhorar a qualidade de vida e a TAA é uma intervenção com objetivos definidos na qual um animal que obedece a critério específico é parte integral do processo de tratamento. Fica evidente a distinção entre elas, pois, enquanto uma se destina à oferta de um ambiente recreacional (AAA), outra busca atender aos critérios necessários ao desenvolvimento de um trabalho terapêutico (TAA). Considero que ambas têm seu valor e seu espaço.

O entendimento desta diferença é imprescindível haja visto que, para além de perspectivas teóricas dos conceitos, o método e logicamente o objetivo do percurso de ambas se dá de forma distinta, galgando objetivos diferentes bem como seus resultados. Deixando claro as diferenças entre as abordagens, seu uso e sua finalidade, o cachorro, que quase sempre é o co-terapeuta preferido, mas não sendo a única opção para o uso nas intervenções assistidas por animais, ganha condição fundamental para determinados casos dos quais fatores como convívio e confiabilidade de certo modo fazem uma diferença significativa.

Os animais como co-terapeutas e os envolvidos

De acordo com Silveira, Santos e Linhares (2010) para todo os procedimentos uma série de cuidados devem ser tomados para que tudo ocorra como o planejado, não é recomendável para uso nas IAAs, fêmeas no cio, animais silvestres como micos leão dourado e chimpanzés, por serem animais considerados imprevisíveis, assim como filhotes de qualquer espécie animal devido à falta de controle situações específicas, comportamentos mais exaltados e por terem mais facilidades para desenvolver doenças. Animais que apresentem comportamento antissocial ou que tenham traços de agressividades devem ser afastados imediatamente dos processos de IAAs.

Para os pacientes todos que se sentirem a vontade de interagir com o animal estão aptos a participar das intervenções incluindo acompanhantes e a equipe de saúde, portanto para que os pacientes possam participar da atividade se faz necessário uma autorização prévia por parte do responsável ou do próprio caso seja maior de 18 anos. Por questões de segurança pacientes com mais facilidades de obter infecções por fatores externos como pós-operatório imediato não é recomendado o contato com animais, pacientes em condições que necessitam o isolamento podem solicitar a visita de animais contanto que não tenham contato direto com o mesmo, a visita sendo realizada em ambiente externo e o contato seja feito por meio de um visor ou divisórias de vidro.

Contribuições da Terapia Assistida por Animais

De acordo com o que foi apresentado nos capítulos anteriores a TAA tem contribuído significativamente em tratamentos em vários aspectos. Desde uma releitura da história do mundo, tomando a relação homem e animal como aspecto sob holofotes, é impossível não ressaltar as diversas parcerias e contribuições desta verossímil relação. Para Caetano (2010) os animais vêm se tornando fiéis companheiros, e não apenas no cotidiano, mas também na área da saúde, trazendo inúmeros benefícios nos aspectos físico, psíquico, cognitivo, emocional e social, não havendo limitação ou distinção de idade, gênero e situação social.

A utilização, segundo Machado, Et Al (2008, p 3),

A equoterapia utiliza a similaridade entre o ritmo do movimento do animal e do ser humano de forma que permite, durante a cavalgada, o fortalecimento da musculatura de pacientes com habilidade limitada de funções motoras comuns em casos de paralisia cerebral, esclerose múltipla, espinha bífida e traumatismos cerebrais.

A terapia usando animais de grande porte como o cavalo além de benefícios psicológicos, atua também na parte motora e física, através do movimento que o cavalo exige do paciente durante a cavalgada, beneficiando partes da musculatura do corpo e alguns movimentos limitados por conta de patologias.

Segundo Vaccari e Almeida (2007) observa-se uma melhoria nas relações sociais dos indivíduos que têm suporte dos coterapeutas, possibilitando assim uma adesão ao tratamento de forma mais comprometida. Tomando como parâmetro os casos apresentados na revista *saúde coletiva* (ISSN: 1806.3365, 2007), é possível entender partindo não apenas do modo de investimento dos coterapeutas como também do próprio sistema de saúde, quais e como as

possibilidades suscitam das vicissitudes deste modo terapêutico, tomando ainda a partir dos textos da revista, os bons resultados que se apresentam mediante a utilização da TAA como possibilidade de tratamento. No entanto, seríamos demasiado ingênuos se, dentre as diversas discussões acadêmicas, até mesmo retomando a história como aspecto principal, que a TAA fomentasse apenas contribuições sem haver antes um pensamento crítico acerca das possíveis contraindicações.

Neste sentido, é fundamental lembrar a condição humana, isto é, os parâmetros biológicos que são inerentes ao indivíduo bem como suas condições psicológicas. Neste sentido, lembramos que a contraindicação se dá nas condições de baixa imunidade dos sujeitos, o medo de animais, feridas abertas que possam ser contaminadas pelos coterapeutas, o comportamento ou conduta agressiva por parte dos sujeitos bem como a possibilidade das más condições dos próprios coterapeutas. Ao que se refere a alergias e afins, deve-se ressaltar que está, a TAA é comumente associada ao cachorro enquanto coterapeuta, o que se torna de certo modo ingênuo, pois, existem diversos animais que se encaixam, por assim dizer, na posição de coterapeutas, como por exemplo, cavalos, gatos, peixes, coelhos e afins. (Pereira, Pereira, Ferreira, 2007)

Retomando as contribuições da T.A.A, durante a internação, o paciente perde sua autonomia, um processo de despersonalização, deixa de ter um nome e passa a ser chamado pelo número do leito ou pela patologia como pode ser visto no aporte de Gullo, citado por Pereira ET AL (2018).

Stumm, Alves, Medeiros e Ressel citam algumas vantagens que a vivência com animais traz a pacientes e, a profissionais envolvidos no processo como deixar as pessoas mais tranquilas e animadas para outros encontros, gerando uma amizade incondicional. Além dos efeitos psicológicos, os animais também podem trazer benefícios fisiológicos para as pessoas. Constata-se que, quando elas interagem com os seus animais, falando com eles, acariciando-os ou manuseando-os, há diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, atingindo esta última valores menores que os observados em pessoas na situação de repouso.

(Vaccari e Almeida, 2007) Além de efeitos psicológicos existe também melhorias fisiológicas além das citadas acima como melhoria da capacidade motora, sistema imunológico, sociabilidade, autoestima, melhora do clima hospitalar, melhor adesão ao tratamento, mas deixando claro que não é promessa de cura.

A adesão e desenvolvimento da TAA representa uma economia significativa nos cofres públicos. Para Caetano (2010) também seria uma oportunidade de estender algum benefício as organizações não governamentais onde essa prática já existe e atende a comunidades pelo país,

em alguns casos sendo custo zero para o paciente tornando completamente mais acessível e oferecendo alternativa nas situações em que os métodos tradicionais não foram eficazes.

Considerações finais

Diante de todas as palavras das quais se fizeram concretas neste escrito, é talvez na poesia da conclusão que se revele a ideia que de fato pode vir a agregar e contribuir para um novo pensar do cuidar e suas implicações, para além de uma prática hegemônica. Surgiram ao longo das leituras e escritas, anseios, problemas e questões das quais proporcionaram reflexões que levaram a um pensar da IAA enquanto possibilidade concreta e real no que se refere a levar uma melhora de qualidade de vida aos indivíduos que dela precisam.

O atendimento usando animais está repleto de retornos positivos em todas as áreas em que atuam até o momento o que nos fez chegar à conclusão de que seu uso seria de grande valia para os usuários do atendimento e para os profissionais, contribuindo com aspectos relativos ao cuidar, mais que necessário para ambientes onde os pacientes tendem a perder sua identidade, as vezes lidam com o abandono dos familiares.

Foi percebido na realização deste trabalho a necessidade de mais pesquisas e experimentos voltados para as Intervenções Assistidas por Animais, tendo em vista a dificuldade ainda encontrada para obter escritos tendo psicólogos como autores. Há também uma necessidade, de suma importância, que é a quebra do paradigma do uso somente de cães de raças específicas uma vez que qualquer amigo do homem que atenda aos critérios expostos neste artigo está apto a atuar nas IAAs.

Notou-se o tamanho dos benefícios que as IAAs podem trazer para a sociedade, para a psicologia fatores como a diminuição do quadro depressivo, redução dos níveis dos *stress*, são facilmente observados e os benefícios nos outros campos da saúde como a diminuição do uso de medicamentos, melhoras na saúde, tornando a TAA e a AAA práticas viáveis em inúmeros setores da saúde pública e privada.

Contudo, é impossível falar de tantos benefícios sem considerar os problemas, os trâmites e o percurso bem como os desafios enfrentados pelas atividades com animais, não apenas no percurso histórico, mas repensando o futuro do cuidado enquanto linguagem em saúde. A problemática deste aporte demonstra que este escrito é apenas uma gota no oceano de possibilidades contributivas para um repensar dos recursos para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos. Existe uma necessidade muito importante dentro do cenário das IAAs de

mostrar a diferença entre a TAA e a AAA, e conscientizar os interessados sobre suas particularidades e uso para que no futuro não haja desentendimentos sobre seus conceitos e suas aplicações.

Referências

ALTHAUSEN, S. *Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.47.2006.tde-13092006-154744. Acesso em: 2018-05-16.

BERZINS, M.A.V.S. *Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação [tese]*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.

BORBA, J.M.P. (2015). *Saúde na infância, medicalização da existência e as Intervenções Assistidas com Animais: alternativa ou "nova" tecnificação?* In: Dantas, J. B. (Org.) *A infância medicalizada: discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida*. Curitiba: CRV, p. 243-274.

CAETANO, E. C. S. (2010). *As Contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais a Psicologia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Paraná, SC.

CAPOTE, P. S de O.; COSTA, M da P. R. da. *Terapia Assistida com Animais: aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual*. São Carlos, SP: Edufscar, 2011.

DOTTI, J. *Terapia e animais: atividade e terapia assistida por animais – A/TAA: práticas para organizações, profissionais e voluntários*. São Paulo: Noética; 2005.

PEREIRA, M. J. F.; PEREIRA, L.; FERREIRA, M. L., *Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica*. Saúde Coletiva [en línea] 2007, 4 (abril-maio): [Fecha de consulta: 16 de mayo de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84201407>> ISSN 1806-3365

LAUCIRICA, E. G., *Terapia asistida con animales de companhia*. ESPANHA: Profesión veterinária, 2009 ABR-JUL; (71) ISSN: X531416339

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo:Atlas. 2002

GONÇALVES, J, O; GOMES, F, G, C. *Animais que curam: a terapia assistida por animais*. Revista Uningá Review, [S.l.], v. 29, n. 1, jan. 2018. ISSN 2178-2571. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1907> Acesso em: 16 maio 2018.

TEIXEIRA, I., *Relações interespecíficas de cuidado no sistema de saúde convencional brasileiro: uma análise antropológica sobre a dinâmica da zooterapia* 2016. Revista

METRING, Roberte. A. *Pesquisas científicas: Planejamento para iniciantes*. 2. ed. Curitiba: Juruá. 2011

NÓBREGA L. *Conviver com animais ajuda a prevenir e a tratar doenças e transtornos de aprendizado*. [28 de abril 2013]. Rio de Janeiro: Jornal Extra Online. Entrevista concedida a Camilla Muniz. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/conviver-com-animais-ajuda-prevenir-a-tratar-doencas-transtornos-de-aprendizado-8229175.html>. Último acesso em 23 de abril de 2016.

REED, Reiley; FERRER, Lilian and VILLEGAS, Natalia. *Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas*. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2012, vol.20, n.3, pp.612-618. ISSN 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000300025>.

SILVEIRA, Isa Rodrigues; SANTOS, Nanci Cristiano; LINHARES, Daniela Ribeiro. Protocolo do Programa de Assistência Auxiliada por Animais no Hospital Universitário. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 283-288, Mar. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000100040&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000100040>.

SILVA, J, C, L; SOZZO, M, M; ALVIM, N, N, T. *As Contribuições Da Atividade Assistida Por Animais No Desenvolvimento Psicossocial Infantil* – 2016

STUMM, K. E. et al. *Terapia assistida por animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas institucionalizadas*. Revista de Enfermagem da UFSM, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 205-212, abr. 2012. ISSN 2179-7692. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2616>>. Acesso em: 16 maio 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/217976922616>.

VACCARI, A.M.H., ALMEIDA, F.A.. *Importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas*. Einstein 2007; 5(2): 111-116.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MOTA, Antônio Anderson Câncio; ROCHA, Maria de Fatima Brito Fontelene; BATALHA, Daniel de Freitas; PINHO, Artur Mouta de. Terapia Assistida com Animais: Novas Possibilidades para um cuidar em Psicologia. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2021, vol.15, n.55, p. 575-594, ISSN:1981-1179.

Recebido: 03/03/2021

Aceito: 21/05/2021